

**Do Queijo das Críticas aos Vermes da Inquisição: a vivência e as ideias heréticas de
Domenico Scandella**
**From Criticism's Cheese to the Inquisition Worms: Domenico Scandella's experience and
heretical ideas**

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

Lucas Barroso Rego
Bacharelado em História (UFRJ)

Joana Josiane Andriotte Oliveira Lima Nyland
Especialista (UNIMAR)

O queijo e os vermes (2006) narra a história de Domenico Scandella, um moleiro friulano que foi queimado vivo por ordem do Santo Ofício, após uma vida de total anonimato. Sendo um exemplo italiano de micro-história, o livro representa um micro-universo de um dos processos abertos pela Inquisição em Friuli. A presente resenha, portanto, objetiva apresentar, a partir da faceta da micro-história, a vivência e as ideias de Scandella.

A obra foi escrita por Carlo Ginzburg, historiador italiano conhecido por seu pioneirismo na micro-história¹. O pensador já lecionou nas universidades de Bolonha (Itália), Harvard (Estados Unidos), Yale (Estados Unidos), Princeton (Estados Unidos) e Califórnia (Estados Unidos). Também foi um importante ativista pela abertura dos arquivos da Inquisição pelo Vaticano, chegando a escrever diversas cartas ao papado, que, em 1998, reconheceu a relevância de sua

¹ A perspectiva micro-histórica surgiu no decorrer dos anos de 1970, a partir de um conjunto de proposições e questões formuladas por um pequeno grupo de historiadores italianos em torno da revista *Quaderni Storici* e da coleção *Microstorie*, dirigida por Carlo Ginzburg e Giovanni Levi. As experiências heterogêneas desses pensadores propiciaram o confronto entre suas experiências, concepções e abordagens, o que foi fundamental para a emergência de reflexões, interrogações e formulações sobre a produção histórica contemporânea. Nessa direção, segundo Revel (1998), não existe um texto fundador ou um mapa teórico da micro-história, ainda que Ginzburg (1989) tenha tido a ambição de fundar um novo paradigma histórico. A heterogeneidade das investigações dos pensadores italianos em torno da revista e da coleção supracitadas construíram as bases da abordagem empírica da micro-histórica, que não constitui uma escola, uma disciplina autônoma ou um corpo unificado de proposições. “[...] A micro-história nasceu como uma reação, como uma tomada de posição frente a um certo estado da história social, da qual ela sugere reformular concepções, exigências e procedimentos. Ela pode ter, nesse ponto, valor de *sintoma historiográfico*” (REVEL, 1998, p. 16, grifo nosso). Um sintoma detectado em meio à crise de confiança nas grandes narrativas do final do século XX, no qual a proposição micro-histórica passou a ser tida como meio preciso de (re)formulação. A micro-história estrutura-se, assim, na concepção de que uma escala particular de observação produz efeitos e estratégias de conhecimento, bem como alterações significativas em sua forma e trama. Mudando a escolha das escalas de observação, seria possível transformar o próprio conteúdo daquilo que é representado e, por conseguinte, analisado.

reivindicação.

Escrito no século passado, o livro surgiu a partir de uma investigação do autor no Arquivo da Cúria Episcopal, em Udine, que armazena um farto acervo de documentos inquisitoriais, à época, ainda inexplorado. Em uma outra investigação sobre julgamentos de uma determinada seita em Friuli, publicada em Ginzburg (1979), o autor encontrou uma outra sentença de outro processo que atraiu sua curiosidade, cujo réu era acusado de sustentar que o mundo teria sido originado na putrefação.

Assim, surgido por acaso, *O queijo e os vermes* (2006), em sua pretensão de ser um escrito histórico, narra a história do acusado: Domenico Scandella, chamado Menocchio. Para a escrita da obra, Ginzburg (2006) teve acesso a documentação de dois processos, espaçados por quinze anos, abertos contra ele, que elucidaram acerca de suas ideias, sentimentos, fantasias e aspirações. O historiador também acessou outros documentos e até páginas escritas pelo próprio Menocchio, que ajudaram no processo de evidência de suas atividades econômicas, da vida dos seus filhos e de suas leituras. A perspectiva utilizada é a da micro-história, que possibilita a humanização de sujeitos históricos, como visto em torno da narrativa de sua trajetória. Com isso, foi possível reconstruir a trajetória de vida desse personagem.

Domenico Scandella nasceu no ano de 1532, em Montereale, uma pequena aldeia nas colinas de Friuli, localizada a 25 km de Pordenone. Viveu em Montereale ao longo de sua vida, exceto por dois anos (1564 a 1565), quando, após uma briga em uma vila em Arba, foi punido com desterro. Em sua aldeia de origem, vivia em boas condições de vida e alegava desempenhar funções de carpinteiro, marceneiro, pedreiro e, sobretudo, moleiro, no qual usava as vestimentas tradicionais do ofício, como veste, capa e capuz de lã branca. Viveu na época da Reforma Católica, momento de tentativa de reafirmação da Igreja Católica, em que prevaleciam a repressão à heresia.

Segundo Ginzburg (2006), a região de Friuli na segunda metade do século XVI era habitada por uma sociedade com características fortemente arcaicas, com uma preponderância social da nobreza feudal e com conservação da servidão até o século passado. Possuía uma estrutura dicotômica estamental. O antigo Parlamento medieval continuava com suas funções legislativas. No início do século XVI, Friuli foi palco de conflitos no interior da nobreza entre os que eram e os que não eram favoráveis à Veneza, o que afetou a sociedade e exigiu que os venezianos tomassem atitudes. Entre meados do século até o XVII, a economia encontrava-se em um estado de

desagregação, principalmente por epidemias e pelo êxodo em massa

Em Montereale, Menocchio, que sabia ler, escrever e somar, chegou a desempenhar importantes cargos, como no magistrado, em 1581, na coleta de dízimos e na administração paroquial. Para ser escolhido para o último cargo, é possível que tenha frequentado, ao menos, uma escola pública de nível elementar, possivelmente, em Aviano ou em Pordenone. A partir dessa informação, é importante salientar como a posição social estava condicionada ao letramento, ainda mais em uma sociedade fortemente arcaica, como era Friuli no século XVI.

Em sua região de origem, Scandella propagava seus pensamentos próprios acerca da ideia de sujeito e da religião. Em ruas e tavernas, Menocchio dizia não acreditar que o Espírito Santo governasse a Igreja e, recorrentemente, expunha suas críticas à dominação dos padres, à legitimidade da hierarquia eclesiástica, à ordenança sacerdotal e à opressão do clero aos pobres.

Em uma linguagem densa e metafórica, tecia críticas porque, segundo sua visão, percebia uma opressão perpetrada pela Igreja. O próprio moleiro afirmava que se o Espírito Santo de Deus habitava nele, então, era mais que digno de criticar a instituição católica e suas ações tidas como de dominação. De acordo com sua interpretação, blasfemar não seria um pecado, mas sim uma ação legítima e necessária. Aqui é válido pontuar a presença de um humanismo que permeava suas considerações. Em suas ideias, é notório também a presença de influências das Reformas Protestantes, mas não só.

Ginzburg (2006) procura entender possíveis relações entre os discursos críticos de Domenico Scandella e o precedente religioso, político e social aberto pelos grupos conectados à Reforma Protestante. Mesmo não sendo um defensor do batismo para os adultos, a eclesiologia de Menocchio, segundo o autor, remete às posições radicais dos anabatistas em alguns pontos específicos, como, por exemplo, a insistência na simplicidade do Evangelho, a preferência pela pobreza em detrimento da luxúria da Igreja, a negação dos sacramentos, a prevalência da prática e a exaltação da tolerância. Ainda que houvesse similaridades, o moleiro, todavia, não pode ser tido como um anabatista, posto que havia noções divergentes entre eles acerca das Escrituras, da missa, da eucaristia e da confissão.

Nesse caminho, Menocchio, em suas críticas à dominação clerical, apontava a opressão linguística praticada pela Igreja Católica como uma das mais determinantes na relação entre pobres e ricos na Europa em seu período, tida como uma “exploração geral” (GINZBURG, 2006, p. 41).

De acordo com sua percepção, a obrigatoriedade do latim, enquanto uma língua incompreensível, impunha dificuldades à plena compreensão e percepção de discursos voltados às camadas pauperizadas. Em sua opinião, “[...] falar latim é uma traição aos pobres. Nas discussões os homens pobres não sabem o que se está dizendo e são enganados. Se quiserem dizer quatro palavras, têm que ter um advogado” (*apud* GINZBURG, 2006, p. 41).

Além disso, o moleiro tecia duras críticas a um processo de mercantilização da Igreja. Com exceção de sua interpretação heterodoxa da missa, do sacramento do altar e das penitências - entendidos como criações divinas diretas e “meios de civilidade” -, Menocchio criticou diversos rituais e dogmas católicos. Segundo sua visão, os sacramentos, inclusive o batismo, a crisma, o casamento, a ordenação, a extrema-unção, a confissão, a santa ceia e a adoração de santos e relicários, teriam sido transformados em “mercadorias” criadas pelos homens e apropriadas pela Igreja, e tidos, por ele, como objetos da exploração católica, uma vez que já teriam sido ordenados pelo próprio Deus.

Desse modo, ainda que, em vida, falasse o básico de latim, tivesse posses e o auxílio de um advogado em seu julgamento, o discurso de Menocchio expressa, segundo Ginzburg (2006), um descontentamento, em uma lógica vasta e ampla, a exigências dogmáticas da Igreja e a sua dominação desmedida, que afetava até o modo de comunicação e de professar a fé. De acordo com suas críticas, a encarnação da opressão seria a própria hierarquia eclesiástica.

Segundo as críticas de Menocchio, a Igreja do século XIX, visando adequar-se aos pressupostos do cristianismo original, precisaria passar por reformulações estruturais, como, por exemplo, o abandono de privilégios e de exigências dogmáticas, a preferência pela simplicidade, a recusa pela riqueza decorrente da exploração, a busca pelo amor ao próximo e o incentivo ao respeito multicultural e religioso. Em seu lugar, deveriam permanecer o amor e a caridade, enquanto os verdadeiros preceitos religiosos.

Nessa direção, em um dos seus interrogatórios, exclamou que “[...] desejava que existisse um mundo novo e um novo modo de viver, pois a Igreja não vai bem e não deveria ter tanta pompa” (GINZBURG, 2006, p. 46). Em sua visão, todos seriam iguais, porque o espírito santo de Deus habitaria em todos (GINZBURG, 2006, p. 52). Ainda em interrogatório, o moleiro chegou ainda a afirmar que acha “[...] que amar o próximo é um preceito mais importante do que amar a Deus” (GINZBURG, 2006, p. 77).

Reduzindo a religião à moralidade, o acusado reivindicava uma religiosidade prática, efetiva, comum e conectada às demandas sociais, o que o aproximava de discursos de grupos heréticos italianos. Além disso, o moleiro propagava a necessidade de uma tolerância - ou um reconhecimento explícito de equivalência de fés -, que deveria, sem dogmas, ser estendida a outras religiões e aos chamados “heréticos”. A diversidade ocupava um lugar central em seu pensamento.

Aqui, é interessante perceber como os seus questionamentos possuem certas similaridades com discursos contemporâneos. Críticos, líderes e pensadores de hoje, por exemplo, também ecoam a histórica necessidade de reformulações estruturais, como Vieira (2019) e Lancellotti (2021), o que demonstra a continuidade de práticas na Igreja que são tidas como desconectadas do cristianismo original.

Menocchio também defendia seus pontos de vista sobre teologia, doutrina religiosa, hermenêutica bíblica e hamartiologia, que divergiam das interpretações hegemônicas da Igreja. A sua cosmogonia, por exemplo, era enraizada na noção de caos originário, no qual, a partir de uma analogia, sugeria uma comparação com um queijo do qual teriam nascido vermes que seriam os anjos, rejeitando, assim, a ideia de um Deus supremo e criador único do mundo. A partir do caos, enquanto *arché*, Deus teria recebido o seu movimento de mudança e, com o auxílio dos anjos, criado, assim, a máquina do mundo.

Acerca das suas interpretações sobre as Escrituras, Ginzburg (2006) imputa-as a uma fusão entre suas leituras e uma antiga cultura oral resultante de substratos das crenças camponesas, que, mesmo sufocadas pelas elites letradas, teriam vindo à tona por meio das agitações em torno dos processos reformistas e contrarreformistas. A partir da análise de um dos micro-universos friulanos, Ginzburg (2006) tece, de forma precisa, uma teia de relações entre acontecimentos históricos, paradigmas religiosos, oralidades e literaturas, o que representa, de forma acertada, as mentalidades desse período histórico. Nessa direção, o autor apresenta como a visão de mundo do moleiro estava enraizada em uma rede interpretativa mais ampla, fundada na própria cultura oral do território da atual Itália ao longo do século XVI. Destaca-se também a presença de influências de temas da tolerância medieval e de teorizações religiosas dos heréticos humanistas de seu tempo.

Ginzburg (2006), a partir da contestação da existência de um relacionamento complicado entre Menocchio e a cultura escrita, aponta a cultura oral como base de um vasto segmento da sociedade europeia do século XVI: o campesinato. Mesmo em um contexto de difusão elitista da

imprensa e da Reforma Protestante, a cultura popular, sobretudo camponesa, da Europa pré-industrial estruturava-se a partir da oralidade, ainda que fosse sufocada pelas verdades da elites letradas. Assim, a partir de uma investigação sobre Domenico Scandella, a obra acabou desembocando em uma hipótese geral do autor sobre a cultura popular europeia

Todavia, a extraordinariedade de seus pensamentos, segundo Scandella, residia em seu próprio raciocínio e intelecto, o que o distinguia dos profetas visionários e pregadores ambulantes dos séculos XIV e XV. A leitura de obras, para além da Bíblia, foi fundamental para a construção de suas ideias.

Uma delas, emprestado por Nicola de Porcia, foi do livro *Il sogno del Caravia*, a típica voz do evangelismo italiano. Porém, também existiram muitos outros, que foram comprados ou emprestados, variando de hagiografias a antologias de contos (que são mencionados nas p. 67-70). Ginzburg (2006) cita também as obras *As viagens de sir John Mandeville*, *Legendario*, *Decameron*, *Il Fioretto della Bibbia*, *Cento novelle*. As leituras do moleiro foram descobertas por meio de um processo de busca e apreensão empreendido pelo próprio Santo Ofício.

Nesse contexto, é válido destacar não só a leitura em si, mas também a forma como ela era realizada pelo moleiro. O modo de ler de Menocchio era específico e não reproduzia meramente teses de terceiros, mas, à sua maneira, extrapolava-as. Ele possuía um considerável grau de autodidatismo e também uma grande capacidade de reelaboração. As leituras, embasamentos e interpretações que realizava de debates e textos foram determinantes para a construção de suas ideias.

Não sendo nada receptivo com ideias novas, o acusado reelaborava e reinterpretava passagens a partir de seus destaques a detalhes das narrações - às vezes por omissão, justaposição ou simplificação, às vezes por dedução extrema - e também de contextualizações a sua própria realidade, o que, de forma involuntária, acabava deformando palavras, frases e ideias do texto original. “A leitura de Menocchio era, evidentemente, parcial e arbitrária - quase uma mera procura de confirmação para idéias e convicções já estabelecidas de maneira sólida” (GINZBURG, 2006, p. 76).

Segundo as acusações do Santo Ofício, os discursos heréticos do moleiro teriam sido gerados a partir de debates religiosos com um pintor de Porcia, chamado, possivelmente, de Nicola de Melchiori. Com o pintor, teria construído suas ideias sobre a demonologia, a vida após a morte,

a mercantilização da Igreja, a hipocrisia de frades e a condenação de imagens sacras, por exemplo.

No dia 28 de setembro de 1583, Domenico Scandella foi denunciado por práticas heréticas e blasfêmicas ao Santo Ofício, com o agravante de tentativa de difusão de suas opiniões em falas, pregações e dogmatizações. Foi acusado de ser um professor de doutrina e de comportamento. Seus filhos acreditavam que o seu delator anônimo poderia ter sido o dom Odorico Vorai, pároco de Montereale, que possuía diferenças com o pai deles - e, de fato, a suspeita era verdadeira.

Com a denúncia, abriram-se investigações em Portogruaro e depois em Concórdia e Montereale. Testemunhos se proliferaram contra o acusado. O primeiro processo contra o moleiro foi registrado quando ele tinha 52 anos. Menocchio foi orientado por conhecidos a cooperar com as investigações e a apresentar-se de forma voluntária, caso fosse convocado. Também foi aconselhado a declarar insanidade e assumir a culpa.

No dia 03 de fevereiro de 1584, apresentou-se à convocação de um inquérito aberto pelo tribunal eclesiástico de Maniago. Foi vestido da indumentária tradicional de seu ofício de moleiro, portando veste, capa e capuz de lã branca. Já no dia seguinte, teve sua prisão decretada pelo inquisidor, o frade franciscano Felice de Montefalco, e foi encaminhado para os cárceres do Santo Ofício de Concórdia.

Dois dias depois, foi submetido ao seu primeiro interrogatório, complementado com outras longas sessões nos dias 16 e 22 de fevereiro, 8 de março, 28 de abril e 1 de maio. O primeiro processo terminou em 12 de maio de 1584. Já o segundo aconteceu em 1599. Nesse ano, o moleiro foi interrogado, entre tantas, nos dias 12 e 19 de julho. Os inquisidores acompanhavam os interrogatórios de forma de forma estupefata e curiosa

Após o encarceramento de Menocchio, Ziannuto, um dos seus filhos, tentou socorrer o seu pai. Para sabotar o processo, eles e seus irmãos espalharam boatos sobre uma possível loucura ou possessão demoníaca de seu pai. Todavia, mesmo com rumores sobre sua sanidade mental, o processo continuou. Além disso, seus filhos também procuraram falar com advogados, párocos e inquisidores, buscando declarações em prol do moleiro.

Mesmo sendo orientado a negar suas heresias, não negou, ainda que pedisse perdão e misericórdia. Ainda que tivesse sido aconselhado a falar pouco nos interrogatórios, não se controlava. Com o passar o tempo, até começou a seguir os conselhos dados por seus filhos e, por vezes, clamou por piedade e misericórdia aos inquisidores, porém, mesmo assim, os seus

interrogatórios ficaram famosos por suas críticas longas, agressivas e seguras à Igreja. Entre idas e vindas da justiça eclesiástica, o processo continuou. O moleiro passou por longos interrogatórios, em que os inquisidores acompanhavam as suas falas de forma estupefata e curiosa. Após dois processos inquisitórios, Menocchio foi condenado a tortura.

Com *O queijo e os vermes* (2006), Carlo Ginzburg apresenta um exemplo de sua proposta micro-histórica. A proposta da micro-história, em sua visão, seria enriquecer a análise social, tomando como base os comportamentos individuais, as relações entre indivíduos, as experiências sociais e a constituição de identidades. Assim, adota-se uma perspectiva a nível local, onde a defasagem entre categorias exógenas e endógenas é mais definida. A partir da análise dos comportamentos de indivíduos, visa-se à reconstrução das modalidades de agregação e de associação social. A construção de uma nova modalidade para a história social permite, assim, a reconstrução da complexidade, multiplicidade e diversidade das experiências sociais e individuais, como pode ser visto em torno da vivência e das ideias heréticas de Domenico Scandella.

Referências bibliográficas

GINZBURG, Carlo. *I benandanti: stregoneria e culti agrari tra Cinquecento e Seicento*. G. Einaudi, 1979.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais*. Morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LANCELLOTTI, Júlio. *Amor à maneira de Deus*. São Paulo: Planeta Estratégia, 2021.

REVEL, Jacques (Org.). *Jogos de escala*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

VIEIRA, Henrique. *O amor como revolução*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019.